

ENLACES ENTRE SOCIEDADE, NATUREZA E LITERATURA DE LIBERTINAGEM: O CASO DO MARQUÊS DE SADE

Marcos Antônio Fernandes dos Santos (UEMA)¹

Resumo: Antes de ser um homem da sociedade, sou-o da natureza. Para o Marquês de Sade, somos corrompidos pelos falsos valores impostos pela sociedade. Segundo ele, o ser humano em busca de satisfação deve ceder a todos os vícios e a nenhuma só virtude. Em obras como *Justine* e *120 dias de Sodoma*, pregou que o desejo é uma imposição da natureza. Assim, esta pesquisa objetiva evidenciar que a literatura de libertinagem pode trazer ao leitor liberdade de reflexão, livrando-o de possíveis ideologias sociais. O trabalho apoia-se nas teorias de Foucault (1995) e suas reflexões sobre as relações de poder e Adorno e Horkheimer (1985), sob a perspectiva do medo como condição humana que nos impede de ver a verdade.

Palavras-chave: Libertinagem; Marquês de Sade; Sociedade.

Ao espírito humano, desde que tomado consciência de sua existência no mundo enquanto Ser, de sua capacidade de percepção e interação com o outro e sobre todas as coisas que existem, cabe o exercício de captar, através da sensibilidade, a essência do viver e da relação que estabelecemos com o mundo. A intensidade que atribuímos aos momentos vividos é resultado da forma como percebemos o instante, a vida e o valor que conferimos a ela. Dotados de sentimentos, opiniões e existindo de maneiras diferentes, somos direcionados a experienciar as mais distintas facetas que a essência humana pode revelar, e em decorrência disso, também sentimos a necessidade de narrar, seja através da fala ou da palavra escrita, nossas experiências (sejam elas reais ou não), afinal, a realidade constitui-se em diversos planos, os quais só as almas mais irreverentes poderiam captar.

Narrar é uma necessidade inata ao Ser humano, uma vez que sua existência consiste na possibilidade de construir uma trajetória que precisa e será lembrada em algum momento. Transmitir experiências é um dos pontos principais das grandes narrativas, contudo, nem sempre esse conhecimento é expresso a partir do sujeito que o viveu. Muitos se servem da experiência do outro para a construção de suas próprias histórias, o que podemos perceber se nos determos ao mínimo que seja a registros de tempos passados. O narrador é o indivíduo que circula abertamente entre os fatos e criações, sendo habilidoso em construir e relatar uma narrativa que seja útil, de alguma forma, a quem a lê ou ouve.

¹ Graduado em Letras (UEMA), Mestrando em Letras – Teoria Literária (UEMA). Contato: marcosantonio.jp@bol.com.br

A escrita constitui um dos grandes adventos da sociedade. O homem foi muito feliz quando buscou um sistema que pudesse veicular e registrar o conteúdo de suas vivências, que o possibilitasse historiar suas memórias (reais ou fictícias).

A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. (...) vivemos os séculos da civilização da escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E, sobretudo não existe história que não se funde sobre textos (HIGOUNET, 2003).

Apesar das narrativas terem surgido a partir da tradição oral, é na escrita e na forma como são escritas, que elas se consolidam no tempo. Assim, o escritor, que pode ser ao mesmo tempo o narrador, é o principal responsável pela existência e pelo valor desses registros. Para Benjamin (1987, p. 221), “o narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida”. Na literatura e na história, áreas do conhecimento humano que lidam diretamente com o registro escrito, muitos já foram os escritores incompreendidos por sua necessidade ou pela forma peculiar de narrar suas escrituras. Resultado de suas experiências ou da forma como perceberam o mundo, o conteúdo de tais obras precisa ser reconhecido ou ressignificado diante de visões restritas que estejam a margem daquilo que esperam muitos dos leitores.

A proposta de investigação desse estudo situa-se a partir da leitura de obras como *Justine e 120 de Sodoma*, do Marquês de Sade, aristocrata francês e escritor libertino, que sempre ganhou maior destaque nos ramos da história e até na medicina, apesar de mostrado seu grande potencial como escritor. Sofreu forte repressão pelo conteúdo de seus livros por parte da sociedade de sua época, e ainda com certa rejeição da sociedade atual. Muitos leitores por não compreenderem a sua obra ou por não estarem qualificados para a sua leitura, o condenam, sem bases consolidadas para tal postura. O julgamento superficial que a maioria das pessoas leigas fazem sobre seus livros, negando sua grandiosidade, é uma das grandes questões encontradas com relação ao escritor, que deve ser reconhecido principalmente pela sua escritura, através de análises mais profundas de sua obra.

O forte erotismo brutal é um dos principais aspectos que levanta a questão de sua literatura ser taxada por alguns, como perigosa. A devassidão presente em Sade é reflexo de suas vivências e filosofia, que pregava que o desejo é uma imposição da natureza. Para ser da natureza ele precisou entregar-se aos vícios, refletidos em sua literatura. Estudos atuais sugerem, através de análises de obras censuradas do século XVIII, que autores libertinos se pautavam mais pela razão do que pela devassidão. Assim, o presente artigo tem como objetivo evidenciar que a literatura de libertinagem pode trazer ao leitor liberdade de reflexão, livrando-o de possíveis ideologias sociais.

Antes de iniciar as discussões que norteiam a proposta desse trabalho, cabe apresentar e definir o que se caracteriza aqui como literatura de libertinagem. Dessa forma, entenda-se libertinagem:

como um estado de servidão, onde a razão era escrava dos desejos; uma “desrazão” em que os libertinos acreditavam que os homens não são livres, mas estão presos às leis da natureza, sendo seus escravos. Percebe-se que a loucura solitária do desejo se funde ao mundo natural (LIMA, 2017, p. 2).

A libertinagem é uma palavra típica do século XVIII, e libertino é o tipo social da época. Sade sem dúvidas foi um dos melhores representantes escritores libertinos. Contesta os valores e a moral fortemente impostos, confrontando os dogmas estabelecidos pela religião e colocando em questão a substituição de Deus como ser criador superior, pela natureza, elemento transformador que somente pode alterar o ciclo da vida. De acordo com o pensamento do Marques, a natureza ocupa o lugar de Deus. Segundo ele, a natureza é a única que não liga para as atitudes humanas, nem as diferencia por serem certas, erradas ou mesmo criminosas, logo, a partir desse ponto de vista, os atos a que se inclinaria a praticar seriam razoáveis e até mesmo aceitáveis.

Defendia ainda que os seres humanos por natureza devem ceder a seus instintos, os mais obscuros e cruéis possam ser, e que nada nem ninguém é mais importante que nós mesmos, dizendo-o da seguinte forma: “Não devemos negar-nos nenhum prazer, nenhuma experiência, nenhuma satisfação, desculpando-nos com a moral, a religião ou os costumes”. Para isso, o Marquês se vale de vários discursos ao longo de sua criação, e segundo o crítico Augusto Contador Borges, podemos destacar o “moral, político,

estético, e que estes subordinam-se à linguagem erótica, que, por sua vez, se serve da linguagem revolucionária para combater os costumes e a religião” (BORGES, 1999, p. 206).

É através de seus escritos que Sade faz suas críticas à sociedade e tudo aquilo com o qual não concorda, principalmente no que diz respeito à privação de suas necessidades. Por meio dos romances que escrevia vinha protestar de forma escandalosa, para que assim chamasse a atenção da sociedade, mostrando o quanto o ser humano pode ser feroz e perverso se privado de suas liberdades. Em seus escritos é presente a crítica às instituições sociais e a existência do local isolado para as práticas libertinas.

A crítica brasileira, Eliane Robert Moraes, aborda a estética e a espacialidade sadiana, enfocando seus símbolos e imagens. Segundo ela, o castelo e o abismo são duas imagens recorrentes nos romances do marquês e representam um lado do inconsciente coletivo, que a razão iluminista não dava conta de explicar. Moraes afirma que “os castelos representariam o “local do deboche”, a situação de isolamento, longe dos olhos, onde o homem poderia dar vazão aos seus desejos sem preocupar-se com pudores” (MORAES, 1994, p. 60).

Outra característica que se pode perceber em Sade é o pessimismo, que ultrapassa os limites quando ele quebra as barreiras ao praticar aquilo que sua vontade o estimula, demonstrando quão sombrio pode se tornar o ser humano. Tamanho pessimismo é gerado pela impossibilidade de aceitar ser vítima dos padrões de conduta impostos, de viver da forma como convém aos outros, não podendo assim satisfazer-se. Descrente dos ideais democráticos, porém, defensor da liberdade dos costumes enquanto meio único de se atingir relações sociais mais autênticas.

Sobre essa questão, a seguinte passagem do romance *Justine* traduz o pessimismo do Marquês de Sade em sua concepção sobre a natureza como lei máxima da criação e da destruição:

Ousarás dizer que a construção de um indivíduo como nós custa mais à natureza que a de um verme e que, por conseguinte, ela deva dar-lhe mais atenção? [...] Quando me tiverem provado a sublimidade de nossa espécie, quando me tiverem demonstrado que ela é tão importante para a natureza que necessariamente suas leis se irritam

com sua destruição, então eu poderei crer que essa destruição é um crime... (SADE, 2008, p. 31).

Em certo ponto do romance *Justine*, onde a mesma precisa se refugiar na floresta fugindo de um grupo de padres que a pretendiam violar, pode-se perceber que o Marquês despreza a idealização da natureza, visto que Justine quando se encontrava sozinha e maltratada em meio à floresta, teve que dormir em cavernas ou buracos, alimentar-se de folhas e raízes para sobreviver, passando maus momentos os quais a natureza não amenizara.

Viver solitária, em condições arriscadas, isso não era de nenhuma forma o tipo de apoio que se deveria esperar da natureza, onde para alguns filósofos, principalmente aos da linha naturalista, o homem deveria desfrutar de seus momentos de vida em meio a natureza, elemento transformador e criador, sendo a responsável por suprir todas as necessidades dos seres vivos.

Para Sade esta seria só mais uma fantasia ridícula desenvolvida por estes sonhadores bucólicos que acostumados com “passeios a bosques e jardins artificiais”² propunham que os homens esperassem nela toda a matéria e auxílio necessários para sua vida. No decorrer do romance notamos que a personagem Justine sempre que busca amparo em outras pessoas é ameaçada e abusada, o que vai de encontro com o que toca na questão do conviver sozinho. Logo, a agregação com outros indivíduos não oferece também melhores condições à protagonista sofredora. A natureza, para Sade, apresenta-se como criadora através da destruição. Assim, ao destruir, terá o homem praticado algo essencial ao ciclo natural e essencial as coisas. Nesse sentido, Sade é e está à disposição da natureza:

Está bem. Quer dizer, através de certos gostos que me foram dados pela Natureza terei servido os desígnios dela, a qual, lançando as suas criações através de destruições, só me inspira a ideia de destruição quando tem necessidade de criações. (...) E quando preferindo a sua felicidade à dos outros destrói tudo o que encontra ou o aflinge, terá feito outra coisa além de servir a Natureza, cujas mais seguras inspirações lhe impõem ser feliz, não importando seja à custa de quem for? A ideia de amor ao próximo é uma quimera que devemos ao cristianismo, não à natureza. (...)

Mas esse homem a que se refere é um monstro.

O homem de quem falo é o homem da Natureza (SADE, 1971, p.147-48).

² Fala de Sade ao se referir aos naturalistas.

Paralelamente à história de Justine, Sade nos apresenta Juliette, a irmã libertina que sempre consegue triunfar em relação à virtuosa e sofredora Justine. Dona de uma fortuna que acumulara ao longo de suas relações com os mais devassos homens e mulheres, a protagonista de *As Prosperidades do Vício* seguiu por caminhos diferentes de Justine, entregando-se ao longo da vida às mais diversas orgias e devassidões. Se por um lado ela se tornou uma grande mulher, sendo recompensada por entregar-se aos vícios, Justine nunca fora poupada por sempre buscar os caminhos virtuosos e por querer praticar o bem.

É típico em Sade, a utilização de suas personagens para exaltar e mostrar a superioridade dos vícios sob as virtudes. Em um trecho do livro *Justine* o autor interrompe a narrativa para contar e enfatizar a pessoa e a história de Juliette:

Os leitores nos permitirão que abandonemos Justine por algum tempo naquele quarto obscuro para voltar a Juliette e saber dela como do simples estado em que a vimos partir, tornou-se em quinze anos numa mulher “com títulos, possuindo mais de trinta mil libras de renda, belas joias, duas ou três casas, no campo e em Paris e, por enquanto, o coração, a riqueza e a confiança do senhor de Corvine, conselheiro de Estado, homem do maior crédito e às vésperas de entrar para o Ministério. O caminho foi espinhoso, não duvidemos disso, pois é pelo aprendizado mais horrível e duro que essas senhoritas se desenvolvem...” (SADE, 2008, p. 13).

Ainda que a maioria dos leitores atuais abominem os vícios - pois essas práticas são geralmente discriminadas e não costumam resultar em recompensas, muito pelo contrário, conduzem-nos quase sempre a consequências punitivas - é preciso reconhecer o ensinamento cunhado pela narrativa de Sade, sobre a questão de que as dificuldades precisam ser sentidas e encarradas para que se possa alcançar a glória. Sade acima de tudo discute a questão da inexistência de um ser ou um Deus superior que possa vir a julgar e punir as ações criminosas ou destrutivas dos vícios.

Mas, dir-se-á a este propósito, Deus e a natureza são a mesma coisa. Não é um absurdo? A coisa criada ser igual ao criador? Pode um relógio ser igual ao relojoeiro? A natureza não é nada, prossegue-se, é Deus que é tudo. Outra bobagem! Há necessariamente duas coisas no universo: o agente criador e o indivíduo criado. Ora, qual é este agente

criador? Eis a única dificuldade que é preciso resolver, a única pergunta que é preciso responder (SADE, 1999, p. 39).

Diante de todos esses questionamentos com os quais nos deparamos a partir da leitura de Sade, é inegável que ela nos traz um conhecimento que alarga nossa concepção de humanidade, quando coloca em questão o próprio conceito de civilização, baseando-se na repressão dos instintos vitais do homem. Logo, para quem busca um conhecimento mais profundo da condição humana, sua leitura é imprescindível.

Michael Foucault, grande filósofo contemporâneo, a partir de suas reflexões sobre o funcionamento da sociedade descreve a existência do poder, presente relações sociais. O desenvolvimento da sua teoria a respeito do que chama de relações de poder supõe que historicamente existem operadores de dominação que se encontram disfarçados, onde alguns indivíduos exercem o seu poder, e outros sofrem a sua ação.

Dentro desse pensamento, indo de acordo com as ideias do Marquês de Sade, nesta constante relação entre poder e a necessidade de resistência, Foucault infere sobre a libertação dos poderes impostos e sofridos pelos sujeitos, dizendo que:

Para descobrir o que significa, na nossa sociedade, a sanidade, talvez devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade. Em decorrência, “talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos (FOUCAULT, 1995, p. 239).

Nesse sentido, nas palavras do filósofo que também foi crítico literário, percebemos a necessidade de sermos sensíveis a percepção de tudo aquilo que nos é imposto e padronizado pela sociedade, onde quem controla é aquele que possui maior poder. Sade nos mostra que essa sensibilidade é indispensável, visto que o homem é um ser, em sua essência, que está em constante busca de realização de seus desejos. Sobre o autor, Adorno (1985, p. 111) diz que Sade faz “de sua obra uma alavanca para salvar o esclarecimento”. Somente Sade desenvolveu o esclarecimento em todos os seus pormenores, quando “mostra o entendimento sem a direção de outrem, isto é, o sujeito burguês liberto de toda tutela” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 85).

Finaliza-se esta discussão sobre a concepção Sadiana de natureza e sociedade, que visa a uma compreensão mais ampla das contribuições da leitura de sua obra, com

uma questão presente em sua obra *Diálogo entre um Padre e um Moribundo*, onde o moribundo apresenta a seu interlocutor a verdade que Sade proclama:

Meu amigo, conforma-te com a evidência de que cego é quem se veda com uma fita, não quem a arranca dos olhos. Tu edificas, inventas, multiplicas, eu destruo, simplifico. Tu acumulas erros sobre erros; eu combato todos. Qual de nós é o cego? (SADE, 2001, p. 21).

Em Sade, a arte de escrever proporciona realização e libertação de todas as suas fantasias, inclusive as mais obscuras. Contudo, compartilha com seus leitores um sistema filosófico complexo, original e que pode conduzir-nos ao esclarecimento.

Referências

ADORNO, T e HORKHEIMER, M. “Juliette ou Esclarecimento e Moral” In: ADORNO, T e HORKHEIMER, M., **Dialética do Esclarecimento**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política**, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, A.C. **A Revolução da Palavra Libertina**. Posfácio para Filosofia na Alcova. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10ª edição - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

LIMA, Reginâmio Bonifácio de. Uma reflexão sobre discurso e poder em “contos proibidos do marquês de Sade”. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**. ISSN: 2446-4821. v. 1, n. 1, p. 251-262, 2017.

MORAES, Eliane Robert. **Sade, A felicidade libertina**. Rio: Imago, 1994.

SADE, Marquês de. **Os infortúnios da virtude**. Tradução Celso Mauro Paciornik – São Paulo: Iluminuras, 2008.

SADE, Marques de. **Escritos Filosóficos e Políticos**, Venda Nova: M. Rodrigues, 1971.

SADE, Marques de. **A Filosofia na Alcova: ou, Os Preceptores Imorais**. Tradução, posfácio e notas de Augusto Contador Borges, São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

SADE, Marques de. **Diálogo entre um Padre e um Moribundo: e outras diatribes e blasfêmias**. Trad. Alain François e Contador Borges, São Paulo: Ed. Iluminuras, 2001.